

LITERATURA DE SODOMA

O sr. Fernando Pessoa e o ideal estetico em Portugal

SENHORES meus, nunca eu me vi em tamanha atarantação!... Aqui muito á puridade lhes confesso, coração nas mãos, penna emperrada e hesitante, que não sei como demonio heide começar este artigo e, — o que é muito peor! — nem mesmo chego a decidir comigo se o devo ou não lançar á publicidade... Aqui teem os leitores da *Contemporanea* um assumpto de que é urgente falar, mas que requeria um canto absolutamente isolado, como as salas escondidas de certos museus por esse mundo de Christo... O que lhes tenho a dizer abonam-no a voz de Deus, a prosa candente e viril do Apostolo das Gentes, a saude do corpo e do Espirito; estão comigo as regras inviolaveis da natureza e os ensinamentos inflexiveis da razão humana quando despida de romântismos de qualquer especie, a Razão que actua sobre a sensibilidade e d'ella é capaz de se tornar absoluta dominadora... Mas, Deus do ceu! não é comtudo verdade tambem, haver assumptos repugnantes que se podem facilmmete tornar pedra d'escandalo — e ai de quem d'el escandalo! ameaca a voz divinamente candida de Nosso Senhor pela bocca dos seus evangelistas! — assumptos que, tratados com a largueza necessaria, podem redundar em reclame a obras de maldição, attenta a morbidez da humana curiosidade nestes tempos de transição, em que a imunda teoria dos vicios pretende encovar a alfurja por entre as ruas floridas da mocidade?... Valha-me Deus, que nem eu sei como a minha consciencia hade traduzir para o papel o que é urgente afirmar — para collocar as coisas no logar devido, para desviar de sobre a minha geração, aquellas imputações nefandas que o seu silencio poderia suscitar, mas que o seu culto da serena e divina Beleza em absoluto condemna e repelle...

Preciso falar-lhes de Sodoma: que os anjos enviados por Deus a casa de Lot abstraíam da minha indignidade e me acompanhem na repugnante travessia...

... Que Nosso Senhor seja comigo!...



VISAVA a fóros de enorme retumbancia entre os moços da geração que ora passa, o artigo — sophisma que o sr. Fernando Pessoa, cultivando a *blague* com amor e o escandalo com dedicação, ha semanas publicou nesta revista, *feita expressamente para gente civilisada e para civilisar gente*. Mas, a escandaleira politica dos ultimos tempos levou de vencida o doentio proposito do novel escriptor e eu acharia justo remette-lo ao esquecimento se, por má ventura, elle não houvesse ficado arquivado para leitura de todo o momento nas paginas d'arte d'esta revista paracente civilisada...

Entre os novos tornou-se já um estafado logar commum o indicar o nome do sr. Fernando Pessoa como um dos mais representativos entre os valores da minha geração. Não serei eu quem conteste a verdade de tal afirmativa, antes a confirmo com a minha nenhuma auctoridade, e é exactamente por isso que me espanto com as turbas vendo-o enfileirar entre os symphonistas dos fadores, remecher, ás mãos ambas e plenas, os escorralhos nauseantes da esterqueira romantica, olhar com amorosa complacencia o pús literario dos ultimos gafados. Sequioso de ineditismo, pescou do justo esquecimento um livro sem arte nem belleza e como, nessa miseria impressa, fosse claramente feita a apologia daquellas aberrações sexuaes que levaram Deus a

sepultar Sedoma e Gomorrha sob um dilúvio de fogo e enxofre, o sr. Fernando Pessoa, sacudiu de sobre o livro a poeira espessa que o encobria, pendurou-o nas primeiras protuberâncias lunares que se lhe antolharam, falou-nos do culto da Beleza entre os Gregos e, com toda a imponência — aquella imponência que lhe dá a admiração que todos os novos lhe dedicam — proclamou *ore rotundo*, que o auctor daquella escorrença literaria é o unico entre os portu-guezes a quem o titulo d'esteta pôde caber.

Um triste sorriso d'ironia e de piedade — eis o que devêra provocar sempre a leitura das paginas geradas pelo espantoso lapso mental do sr. Fernando Pessoa... Não concorrendo no livro que tanto o entusiasma qualidade alguma que o recomende á admiração dos estetas — tal modo escassearam no seu auctor faculdades de realisação literaria, tão pobre é o seu conteúdo mental, tão chatas e languescentes as suas construcções podalicas — forçoso será concluir que a intrusão dos Gregos no arrazoado panegyrista do sr. Fernando Pessoa, apenas é devida ao facto de o livro referido ser uma torpe exhibição do amor thracio.

E' realmente desolador que o sr. Fernando Pessoa não tenha respeito pela sua propria intelligencia... Por justa consideração para com o sr. Fernando Pessoa de hontem, respondamos ao sr. Fernando Pessoa de hoje, e façamo-lo — para desviar suspeitas de parcialidade — não á luz dos nossos principios religiosos e moraes, mas sim ajudado pelos principios da propria cultura helenica.

PONDO de parte tudo quanto no seu artigo nos diz sobre os criterios d'imperfeição e o ideal helenico, — mero apontado de coisas boas e más, que para o caso não passa de simples farelório, — admitamos o que Winckelmann, citado pelo sr. Fernando Pessoa, afirma e que reproduzo textualmente:

Como é confessadamente a belleza do homem que tem de ser concebida sob uma ideia geral, assim tenho notado que aquellos que observam a belleza só nas mulheres, e pouco ou nada se commo-vem com a belleza dos homens, raras vezes tem um instincto imparcial, vital, inato da belleza na arte. A pessoas como essas a belleza da arte grega parecerá sempre falha, porque a sua belleza suprema é antes masculina que feminina.

Se me dá licença, acho o argumento d'aquelles que voltam os bicos contra o argumentador. Em primeiro logar, se muito são d'espirito não ousa expressar em publico a sua admiração pela belleza masculina é porque tem receio de que o confundam desastradamente com os amadores d'actos contra-natura, entre os quaes enfileira o proprio Winckelmann. Em segundo logar, sendo a arte grega o culto da belleza plastica, e um perfeito concerto de harmonias e de linhas terrenas, a pèrros teria de se dar o sr. Fernando Pessoa para me convencer de que os seus *estetas* possuem esse culto, sentem esse concerto. Se me dá licença, repito, o argumento volta-se contra o argumentador, e os seus estetas não vão alem de simples devotos do orgasmo invertido: para d'isso nos capacitarmos bastará ler o livro do seu panegyrisado. Uma coisa é ter veneração pela belleza plastica, como na maioria dos gregos; e outra, inteiramente diversa, é a impulsão genésica, seja ella hetero ou homosexual. Um corpo d'athleta, aonde se verifiquem perfeições d'estatua grega, é uma coisa bella, incontestavelmente bella, como obra da sabedoria divina. Mas, por ventura os individuos que, pathologicamente, se desviam da contemplação da belleza masculina e se deixam levar pela onda ascorosa do desejo invertido, porventura esses serão estetas, na sentido puro e insolismaivel da palavra? Acaso esses *rêus do nefando*, — como o Santo Officio justicemente os apelidava — acaso elles tem o culto da belleza plastica, á semelhança dos helenos e no que elle possuía de mais elevadamente artistico? Por amor de Deus! deixemo-nos de hipocrisias! Para se ter o sentido da belleza fisica, mister se torna possuir tambem o sentido das proporções, o respeito pelas inflexiveis leis da natureza, ou — o que é muito mais elevado e filosoficamente christão — o culto pela obra de Deus, pelo que de perfeição Deus poz nessa obra, para nos dar uma ideia do que, de mais perfeito, nella poderia ter posto. Ora, o que a experiencia tem demonstrado a todos quantos estudam as profundas misérias sexuaes do todos os tempos, é que os taes estetas, na sua totalidade esfurriados pela pedicação, não possuem de modo algum o sentido da Belleza plastica mas unica e exclusivamente a tentação pela anomalidade sexual. *E' esse o unico mobil do seu escandalo e só esse.* E a experiencia egualmente demonstra, ser rarissimos os rêus do nefando escolherem cumplice que participe das harmonias d'uma estatua grega: em geral, o patico escolhe um brutamontes, e é levado por um exame que a decencia me impede de apontar. Quanto ao cineto, a sua escolha recae em individuos de compleição franzina e delicada que, pelo aspecto exterior, pelos modos, falas e acções, macaqueiam o sexo bello. Em qualquer dos casos teremos um criterio de escolha que não abona as tendencias helenicas dos taes estetas. Onde, pois, o culto da belleza masculina, se, em ambos os casos sujeitos, se lhe fuge pela contrafacção? Será porventura estético o culto pela bestialidade? Será acaso manifestação de entusiasmo pela belleza masculina e viril, o procurar no homem atributos femininos, atributos esses que, no caso em questão, por serem anti-naturaes e estarem deslocados, se caracterisam de ridiculo e de ignominia?

NOTE-SE desde já que, mesmo entre os gregos, e a despeito de tudo quanto o desvergonhamento de hoje nos queira fazer acreditar, o uranismo não se legitimava por culturaestética mas sim por aquellas allegações risíveis cujo relator foi Platão no seu *Symposium*. Para o celebre filosofo, não sendo o mundo fisico objecto de sciencia, só poderia ser tratado por meio de fabulas ou de mythos, que elle desenvolveu com arte mas que, na phrase de Jacques Maritain, mais não servem do que para mascarar a impotência da sua doutrina perante a realidade corporal.

C'est dans ces mythes qu'il attribue la production ou plutôt l'organisation du monde à un demiurge — regardé par beaucoup d'interprètes comme distinct de Dieu et inférieur à lui — et qu'il expose cette étrange idée que tous les organismes vivants proviennent de l'homme: les premiers hommes produits par les dieux étaient du sexe masculin; ceux qui ont mal vécu ont été après leur mort changés en femmes, qui à leur tour, si elles ont continué à pêcher, ont été changés en animaux sans raison et même peut-être en végétaux (1).

Assim, para o celebre discípulo de Socrates, o uranismo muito mais do que uma base puramente plastica, tinha uma base metafisica, asserção que não resiste a meia gargalhada. É a irrefragavel expressão da verdade é que, para os gregos, tanto a plastica feminina como a masculina eram egualmente bellas, se é que o não era muito mais a feminina porque entre elles o arbitrio da formosura plastica estava symbolisado por um sér feminino, a deusa Aphrodite, e não pelo outro sexo (2). Para os gregos, como para todos quantos possuam dez réis de miolos, o homem e a mulher eram bellos em si, materialmente, e incompletos em relação um ao outro: completavam-se na união hetero-sexual e quebravam essa harmonia na inversão. Foi assim que o completenderam os gregos em questões d'estetica: o uranismo para elles, a despeito do lirismo das phrases de Platão no seu *Banquete*, era uma forma de libido: instinctivamente, apesar das practicas vergonhosas a que se entregavam, desprezavam-no, ou, pelo menos, não lhe conferiam fóros de culto pela virilidade porque, o termo que designa a miseria physica e moral a que se entregavam, provém de duas palavras: *paidos* e *erastes* — ou seja (que horrivel coisa ter de o escrever aqui!) as practicas eroticas com creanças.

Como se vê claramente, pelo que acima deixo escripto e transcripto, nem entre os gregos, nem tampouco entre os panegyrisados pelo sr. Pessoa, havia, na sua degradação sexual, symptoma algum de culto pela belleza masculina, culto esse que requeria absoluta pureza d'instincto e de ideias. E' que, tanto os helenos, como os seus mais directos herdeiros, os romanos, attribuam aos invertidos certas qualidades que não abonam absolutamente nada o tal culto pela belleza masculina. Nuns e noutros, e com referencia áquelles que não haviam corrompido o sentido da Belleza, era frequente a murmuração contra o vicio a que me refiro. E lançando mão da satira — quando não da sanção legal, como entre os Romanos pela celebre lei Scantinia — flagelaram sem piedade os uranistas. As poesias de Anacreonte e de Theocrito, que tamanha miseria exaltam, fazem-no em homenagem ao libido que lhes combure até ao inverosimel a apodrecida carcassa, e não nos apresentam como passivos senão individuos aonde se encontrem reflexos da belleza feminina. Impossivel é fazer citações das suas liricas porque a minha repugnancia fisica e os meus escrúpulos religiosos m'o prohibem totalmente. Quem se quizer certificar do que affirmo, mais não tem do que consultar as muitas traducções que, poetas com poucos pruridos de moral, se deram ao trabalho ingrato de elaborar.

Note-se ainda que, se entre os gregos, por deficiencias de toda a ordem, se não chegou a condemnar pela injuria, pelo agravo e pela sanção legal semelhante miseria, entre os Romanos, seus discipulos e aperfeçoadores em tudo, os cinedos e os paticos foram objecto das mais cruas invectivas, e bastaria a leitura de Juvenal ou de Seneca para ficarmos fazendo uma ideia do tal culto estetico professado pelos individuos de que o sr. Pessoa se fez o desastrado panegyrista. Para o grande satirico latino, como para Seneca, todos os amadores passivos das inversões sexuaes não passam de contrafactores d'aquillo que nas filhas d'Eva é graça natural: tem como caracteristicas principaes: olhar languido; passo indeciso; marcha sem porte viril; rosto efeminado; fragilidade, delicadeza de membros; cabelos soltos; molleza d'espírito; uso e abuso dos cosmeticos e perfumes; garridice do vestuario; aluvião de aneis nos dedos; requebro de meneios... E' pois, malgre a repugnancia que sentem pelo sexo fraco, a tacita confissão da superioridade feminina: é a natureza a tentar baldadamente, pôr tudo no seu logar, buscando não ser torpemente escarnecida! A inversão, nesses miseraveis, repudiando leis eternas, vae cair na entruddada vergonhosa da contrafacção dessas leis!... A malignidade dos séres referidos vae até á suprema irritação de nos querer pôr abaixo dos proprios irracionaes — que nem abusam do que lhes é natural, nem usam (a não ser por engano do instincto) do que lhes não é dado!

Se os estetas de que nos fala o sr. Pessoa não passam, afinal de contas, de rebotalhos d'uma geração; se nelles o culto da belleza masculina em nada mais consiste do que na ancia de satisfação d'uma carnalidade monstruosa, fóra de todas as leis da natureza e exemplificada

(1) Jacques Maritain, ELEMENTS DE PHILOSOPHIE. Introduction générale à la philosophie, Pag. 49. Paris, Pierre Téqui, librairie éditeur, 1921.

(2) Os que defenderam a estulta affirmacão de que, os Gregos, mais prezavam a beleza masculina do que a feminina, vêr-se-iam em sérias aflições para explicar o caso, (historia ou lenda, pouco importa) de os Heliosotes fêrem absolvido Phrynea, accusada de um crime gravissimo perante o fóro helenico. Vendo em perigo a cabega da sua constituinte, o defensor da celebre hetaira rasgou-lhe a tunica d'alto a baixo e desafiou os carrancudos jurtes a que votassem á morte o corpo escultural que alli se exhibia inteiramente desnudado... E os Heliosotes, vencidos, deslumbados, não tiveram remedio senão absolver a loira Menezete...

Facto ou lenda, mal parada fica em ambos os casos a preferéncia pela beleza masculina entre os helenos...

nas mais ridículas mascaradas do desejo sexual, na mais bestialisante coprolalia; se para elles a Grecia não vale senão pelo uranismo — que não é esteticismo, nem é oriundo das bellas terras d'Homero, mas sim uma anormalidade erotica supurada em todos os tempos, todos os paizes, e em todos os paizes e tempos escarnecida, quando não amaldiçoada e punida — para que demonio vir a publico com a apologia indecorosa dum livro que só tem de especial o ser, em toda a acepção da palavra, uma porcaria?

Culto da belleza? esteticismo á grega? Porque demonio é que o sr. Fernando Pessoa lhe não chama aquillo que todos, inclusivé o proprio autor, lhe chamam?

... A ideia que certos fabianos fazem do que seja criticar!...

Afinal de contas, tanto a imundicie publicada pelo sr. Pessoa como aquella que lhe deu origem, mais não são do que simples manifestações de podridão romantica. O Romantismo, rebellião do instincto contra a intelligencia, é de todos os tempos, como expressão de fadiga na organização intellectual, como impulso violento do individualismo contra a disciplina social. Vem de longes tempos: o proprio Platão, apesar de lirico defensor de paticos e cinedos, assim o comprehendeu. *Le souci de lutter contre le romantisme moral de son temps apparaît fort net dans Platon, lorsque, de sa République idéale, il écarte les poètes, qui s'adressent à la partie « faible » de l'âme, à celle qui est susceptible d'illusions, et s'attendrit immodérément sur la misère humaine — à la sensibilité en un mot,* (1) escreve Ernest Seillière. E sempre foi a literatura o melhor vehiculo da miseria moral: desde as produções fescenninas da decadencia romana, até á immoralidade sentimental de varios romances de cavallaria; desde a Renascença com a sua degeneração pagã, passando pela miseria intellectual das gerações saídas de Rousseau até ao romantismo de esgoto de Zola, — o *Grand Fecal*, como lhe chama Léon Daudet, — ao que temos nós assistido senão á tendencia da Besta para se sobrepôr ao Espirito? Erasmo talvez não andasse muito longe da verdade quando affirmava que a Loucura era a rainha do mundo, tanto a civilização parece querer levar os homens para a inconsciencia, para a bestialidade. *Jugez de là s'il ne faut pas que la Folie soit un grand bien, puis que les Scavans ont donné tant de louanges à son ombre seule & à son image. Horace qui s'appelle lui même un pourceau d'Epicure des mieux conditionnés, dit la chose plus naturellement lorsqu'il ordonne « de mêler la Folie avec la Sagesse ». Il veut, je l'avoue, que cette Folie soit courle; mais en cela il n'en a pas plus d'esprit. Le même Poète dit dans ses odes: « Qu'il est doux d'extravaguer à propos » Et ailleurs, qu'il vaine mieux passer pour un homme en délire & sans nul talent, que d'être sage & enragé tout son saoul. Homère, qui donne tant de louanges à son Télémaque, ne laisse pas de le nommer quelquefois jeune étourdi; & les Poètes tragiques donnent volontiers le même nom aux jeunes gens, comme s'il était de bon augure. Quel est le sujet de la divine Iliade? Ne sont pas les fureurs & les folies des Rois & des peuples? Cicéron n'a jamais pensé plus heureusement que lorsqu'il a dit: Que tout le monde était plein de fous. Or, vous n'ignorez pas que plus un bien est général, plus il est excellent. » (2)*

Erasmo quasi que tinha razão... Que temos nós visto desde ha muito — e sobretudo nos ultimos duzentos annos — senão o instincto cego a rebelar-se contra a intelligencia, os pseudo sabios a escavacarem tudo com a sua aincia de reformas, os *humanitarios* a pregarem verdadeiras loucuras, e os homens de letras a secundarem a sua tarefa de morte e destruição? Se todo o mundo, ao contrario do que pretendia Cicero, não está cheio de doidos, não haverá nelle, comtudo, uma boa meia duzia de malucos a pretender tripudiar sobre a impassivel preguiça do resto? Este caso do sr. Pessoa e do seu panegyrisado é bem conclusente... Quem é que appareceu a protestar, — não contra o segundo porque esse é talvez o menos culpado — mas contra o primeiro que se tornou assassino da sua propria intelligencia, prestando-se a protagonista duma releis farçada de reclame?

Do arrazoado do sr. Pessoa se conclue que apenas serão estetas em Portugal os paticos e cinedos. Portanto quem quizer ser esteta, forçoso será que se entregue a actos contra-natura. Semelhante teoria, bruta até ao exagero, visa á complacencia dos basbaques elegantes, e ao réclame pelo escandalo. Verdadeira miseria psychica em ambas as intenções, não me causaria espanto se proviesse dum celebre titular que o lapis de Bordallo Pinheiro justiceira e implacavelmente fustigou; que provenha porem dum individuo que se nos apresenta como intellectual, isso é que me causa um espanto doloroso como manifestação do que seja a critica em terr as lusiadas. Se o sr. Pessoa, com toda a sua cultura, se nos revela como acabamos de vêr, que demonio se hade exigir dos chumecos que fazem critica nos periodicos?

O assumpto que, com tamanha repugnancia, aqui tenho tratado — a prosa da sr. Pessoa — revela-se-nos como mais uma exhibição patologica do desejo de fazer escandalo. E' o ultimo porventura dos symptoms da deliquescencia romantica em Portugal: trata-se duma subordinação do juizo á sensibilidade e, tanto pelo que respeita ao individuo em questão como ao seu panegyrisado, os caracteres romanticos são absolutamente nitidos. Tanto num como noutro — e com a diferença apenas de que um tem talento e o segundo está sujeito á clinica da especialidade — o caso é absolutamente caracterisado. Como consequencia logica da subordinação da

(1) LA PHILOSOPHIE DE L'IMPERIALISME, vol. IV: LE MAL ROMANTIQUE, Introduction, pag. XIV, Plon Nourrit, éditeur, Paris, 1908.

(2) L'ELOGE DE LA FOLIE, traduit du latin, d'Erasme par M. Guendeville, Nouvelle Edition, revue & corrigée sur le Texte de l'Édition de Bâle, M.DCC.LXXI. Pags. 187 e 188.

inteligência a sensibilidade, ambos possuem — notada é claro a restrição que acima deixo — uma impressão obsedante de incompleto, de angustiosa solidão moral, de melancolia procurada, de excitação nervosa, de langores d'eroticismo, de existência descolorida, irreal, longínqua — as qualidades, exacerbadas é claro, da *Weltschmerz* dos românticos alemães, ou do *mal du século* da geração francesa de 1830. Entram em função, dum modo assolador e como único recurso admissível para ambos, as faculdades do seu subconsciente no fito de sobre elas apoiarem o seu esforço d'expansão vital, donde um misticismo invertido e irracional — para me servir da expressão de Ernest Seillière — e a qual conduz, como é obvio, às piores aberrações, à degradação última do ser humano. E ainda como últimas características do seu marcado romantismo, (e todos sabem como a essência do Romantismo se oppõe em absoluto ao ideal helenico) ambos se dão a *vellétés passagères de relour aux inspiration rationnelles*, bem como ao *emploi fréquent du vocabulaire de la raison*; tem por vezes le langage intermille de la vertu, qui ne naît pourtant que d'un effort sur soi même, d'une discipline consciencie imposée aux propensions subconscientes du moi. Incapables de réaliser l'acte raisonnable, ces impulsifs en conservent du moins le respect et en emploient le nom afin de farder à leur propres yeux les fantaisies de leur instinct. (1) E' o caso de Winckelmann procurando coonestar, sob o protesto de helenismo, os vícios vergonhosos a que se entregava: é o de Byron e Chateaubriand, ambos incestuosos mentes, se é que o primeiro o não foi por pensamentos, palavras e obras; é o de Theofilo Gautier na *Mademoiselle de Maupin*, e o de todos os criminosos literários d'então para cá. A sua verborrágia, desmarcada e aberrativa, importa sempre um recurso ao sofisma e foi isso que observamos na prosa que motivou as linhas deste artigo. Como já fiz notar, nas líricas tão presadas pelo sr. Pessoa (tão banaes como arte, como realisação plastica, santo Deus!) o que nos surge a cada passo são nas apologias homossexuais do auctor; culto da Beleza, como. expressão de harmonia não existe nelle porque, para ser logico e absolutamente helenico, teria de pôr em equal plano a beleza feminina. Estamos pois em frente, repito, dum caso de putrescência romantica: o auctor em questão é um romantico e não um romano; um fabiano como varios e não um grego da ultima hora; um debil d'espírito e jamais um ser inteligente; é um desventurado, se assim o quizerem, no qual se dissolveram por completo as faculdades superiores da intelligencia. E o recurso de ambos ao sofisma é a melhor prova da sua podridão romantica. En effet, leur subterfuge le plus redoutable, parce qu'il est sincere, c'est de prendre et donner leur debilité physique et morale pour un excès de force, leur maladie comme une exubérance de santé. Illusion qui procede de cette maladie critique que me fornece estas achegas; o que eu sei é que, por cobardia e indolencia' dos portugueses, a estes lhes tem sido feito nos ultimos cem anos toda a casta de judiarias mentaes por banda dos pseudo-pensadores!... O receio cobardissimo de parecer retrogrado tem levado muito espirito a contemporisar com a Suburra intelectual, a permitir entre nós e em todos os campos, sem protesto quasi, as mais risiveis abstrusões; uma critica irremediavelmente cretina, encyclopedicamente ignorante, comodista, agnostica, — o seu agnosticismo vem não só da sua ignorancia como tambem do seu culto pelo vil metal — adoptando o criterio da arte pela arte como o mais proprio a deixar em paz e á vontade a sua ignorancia, o seu comodismo, a sua ganancia e a sua preguiça mental, uma critica tal como a acabou de caracterisar deu as melhores complacencias a tudo quando lhe apresentaram como novo e distinto. O resultado é a miseria politica e moral em que a Nação se debate.

Pouquissimos se lembram da maxima sublime de S. João Berckmans, *Ad meliora natus sum*; Deus não existe para esses animaes e, quando elles admitem a sua existencia é para subordinarem esse Deus ás misérias humanas de toda a casta! O Deus destes simios, a existir, seria equal a eles, e perfeita inutilidade portanto; ter-se-ia dado ao luxo de elaborar um código maravilhoso de conducta moral, mas sem se importar de que os homens o seguissem ou não. Tudo o que fizessemos sobre a Terra estaria bem: acabada a vida, por mais porca e abjecta que ella houvesse sido, teriamos na outra vida uma Biarritz aonde, logicamente, iriamos continuar a bella vidinha terrestre. Assim, pois, intelligencia seria synonymo de instincto desenreado; Christo não teria cá vindo fazer nada e os Apostolos não passariam duns respeitaveis massadores. D'aqui, guerra é Igreja, ás instituições politicas creadas pelos povos á sua sombra; combate sem treguas ás ideias de ordem, de disciplina, de hierarchia; sobreposição do individuo á sociedade e, consequentemente ruina total do individuo, D'esse periodo miseravel a que Léon Daudet chamou o *estupido século XIX*, ficou-nos um pantano; e aquillo que delle podermos salvar não lhe pertence. Póde nas ideias e nos factos, os seus miasmas chegam ainda até nós. Pierre Lasserre, definiu bem a podridão romantica, ao escrever:

Sensualisme des idées; métaphysique des émotions, matérialisme mystique, bestialité lyrique, ainsi pourrait-on définir la tare, disons mieux: la pourriture romantique de l'intelligence (2). Já Goethe definiu como classicismo a saude, e romantismo a doença!... Não haverá não que acabo de citar materia que baste para definir o estado intellectual do sr. Pessoa? Pobre d'elle que ainda não comprehendeu ser a vida uma coisa tão seria que, nella, mais deveriamos pensar do que rir! A vida é uma simples e longa preparação e ha coisas de que não é licito zombar. E peor, muito peor se a nossa imaginação se agita continuamente entre os espelhos de Hostius Quadra... Será a ruina completa dum espirito, o emparceiramento com as coisas inuteis que são lançadas ao fogo... Quanto aos seus estetas, na vida terão o sarcasmo justiceiro de Juvenal:

*Interea tormentum ingens nubentibus haeret,
Quod nequeunt parere, et partu retinere maritus.*

... Mas, depois da morte, sr. Fernando Pessoa, o que será d'elles e de quem tiver desprezado traze-los á diritta vida?

ALVARO MAIA

(1) Ernest Seillière, obra citada, Introduction, pag. X.

(2) Idem, idem pag. XII.

(3) Pierre Lasserre—LE ROMANTISME FRANÇAIS, pag. 170 Paris, Librairie Garnier, Frères.